

.: Editorial

É com muita alegria que o novo Conselho Diretor e a nova Coordenação e Comissão do Conect-a dão prosseguimento a esse boletim do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade.

Essa ferramenta viabiliza a manutenção do nosso elo com as informações sobre o que acontece em nosso instituto e serve, também, como um registro histórico e um provocador do trabalho.

Seguimos, então, o formato - Pílulas, Radar, Biblioteca e Agenda.

Nas pílulas, trazemos notícias dos cursos, dos núcleos de pesquisa e do seminário clínico. A transferência de trabalho é causa, e por meio deste boletim, que não é apenas informativo e rotineiro, colocaremos a lanterna nas ressonâncias de quem participa desses espaços para recolher a experiência singular de cada um. É a tentativa de colocar à prova a vida e o vivo do Instituto.

No Radar, vamos produzir um diálogo entre o associado e a cidade, entre a psicanálise e outros campos do saber.

Sobre a Biblioteca, sustentaremos informações sobre novas aquisições, resenhas e atividades da Comissão de Biblioteca.

A Agenda vai trazer conhecimento e uma visão geral dos acontecimentos do Instituto.

Ao trabalho, e boa leitura!



imagem: pixabay.com/pt/

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros

Diretora Tesoureira e Coordenadora da Comissão Conect-a

Comissão: Emelice Prado Bagnola, Fábio Saad, Luiza Gerace e Paula Maia



imagem: pixabay.com/pt/

A 10ª edição do Boletim Conect-a é a primeira sob a responsabilidade do novo Conselho Diretor do CLIN-a para o triênio 2025-2028. A nova Coordenação e Comissão do boletim pretende não apenas manter a política editorial vigente - que consiste em promover a circulação das atividades do Instituto e incentivar o trabalho dos associados e dos alunos -, mas também reinventar e relançar o novo, a fim de manter a causa analítica no centro da formação.

Neste número, **Pílulas** apresenta um aporte sobre o curso *Prática Lacaniana*, que se sustenta em uma transmissão viva e não sistemática, seguindo a orientação lacaniana, na qual a dimensão da surpresa se faz presente. O estatuto da construção, sobretudo da construção em análise, revela-se como uma operação que articula saber, verdade e real, sempre a partir da transferência e da experiência de cada um.

Destaca-se também uma contribuição sobre dois filmes exibidos no *Cineclube Lacan*. O texto enfatiza as escolhas das protagonistas de *Vidas Passadas* e *Fale com Ela*, salientando como suas decisões apontam para um amor que as ultrapassa, tocando algo do indizível e singular do gozo feminino.

O encontro *Psicanálise e Literatura*, em Ribeirão Preto, com a participação do autor Daniel Franco, mostrou como a literatura pode ensinar à psicanálise ao provocar efeitos singulares nos participantes, promovendo um saber vivo e pulsante em circulação pela cidade, além de promover uma leitura sobre a atualidade desde uma outra perspectiva.

Em **Radar**, uma nota sobre a série *Adolescência* coloca em destaque os impasses da adolescência diante do mal-estar contemporâneo, especialmente em relação ao encontro com o Outro sexo. Um jovem acusado de assassinato, cuja repetida negação da culpa revela não a dúvida sobre o ato, mas a queda dos semblantes do Outro e a dificuldade diante do trauma da sexualidade.

Boa leitura!

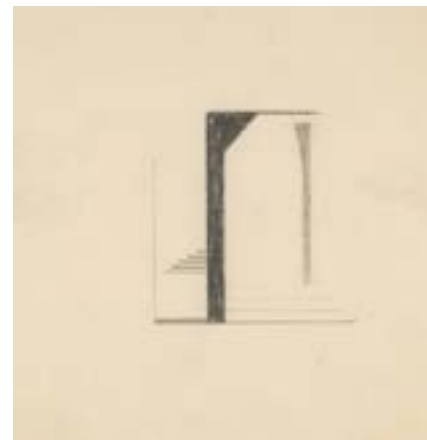
Camila Popadiuk
Diretora Presidente

.: PÍLULAS DO INSTITUTO

Pílulas de um [per]Curso em Prática Lacaniana:

Construções sob transferência

O curso Prática Lacaniana é um lugar em construção contínua de trocas entre percursos, uma vez que se propõe a acolher a contribuição de cada participante frente a temas que, muitas vezes, se articulam com atividades da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Por um lado, há o estabelecimento de um compromisso a partir do programa e das datas previstas para o semestre, por outro, há o efeito surpresa do encontro com a enunciação de cada docente, onde a responsabilidade com a prática sobressai na transmissão do vivo - contrariamente às diretrizes de um saber-todo, universal. Um curso que transmite a lógica de um ensino α -sistemático, não sem uma orientação: a orientação lacaniana.



Viking Eggeling, Original drawings.

O significante **construção** - tema do último semestre - ressoou com o que estava em questão para mim na formação, transformando-se em pergunta: Qual estatuto de uma construção quando o princípio da prática lacaniana é operar com a falha (no saber)? Construção do caso clínico (praticante), construção de um percurso teórico-clínico (aquisição de saberes/ implicações subjetivas), construções (\$ ϕ a) em análise (analisante). São lugares que se alternam no discurso, no entanto, a premissa comum (S[A]) parece ser o estatuto do saber em relação à verdade quando imergimos na experiência da psicanálise.

Ao trabalharmos os textos do Seminário de Referência (conduzido por Marilsa Basso, Milena Vicari e Teresinha N. M. Prado), deparo-me com a noção de que o conceito de construção faz coexistir na linguagem o que é inapreensível à própria linguagem, indicando um limite interno ao conceito. Em *Construções na Análise* (1937)¹, Freud atribui a este conceito o valor de método, uma vez que o analista “terá de construir o esquecido”², em razão de que nem tudo pode ser rememorado, estabelecendo a relação do analista com o recalado originário. Construir indica que há um limite [um além] do rememorável: o ideal de completude é frágil. Uma concepção de economia psíquica que passa de (in)completa para a de (in)consistente.

1 Freud, S. *Construções na análise* (1937). In. *Fundamentos da clínica psicanalítica: obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 6, 2. ed.). Belo Horizonte: Autêntica. (2020)

2 Idem, p. 367



Faço duas extrações do texto freudiano: 1) “a convicção segura da verdade da construção, do ponto de vista terapêutico, tem o mesmo efeito que uma recordação recuperada”³. A construção visa um efeito de verdade (valor lógico) e não a reconstrução verdadeira da lembrança (exatidão do saber). 2) “as formações delirantes [...] parecem-me equivalentes às construções”⁴. É um fragmento que nos lança a formulações posteriores de que “os discursos não passam de defesas contra o real”⁵. E que, uma vez no campo do significante, a “referência é sempre vazia”⁶. Neste sentido, a construção seria uma forma de tanger pela palavra o que é da ordem do irrepresentável. Tocar “indiretamente”, a partir do que “surge ao lado”⁷.

Vimos, a respeito do caso clínico, como construir é estabelecer norteadores não estandardizados, pois “não se trata de reduzir o caso ao ideal de objetividade”, mas de construir a partir “da particularidade de cada experiência na transferência”⁸ uma vez que se trata de uma “articulação íntima entre o real da experiência e a teoria relativa a esse real”⁹. *Fazer-se ensinar* através do recurso da construção de caso não é da ordem de um *já sabido*, mas de uma transmissão a partir de uma relação que comporta uma opacidade e é sempre inédita.

Este breve percurso me levou à reflexão de que a construção, quando inserida em um dispositivo transferencial (análise - trabalho), é da ordem do que se decanta de uma lógica, se *diz-sipa* de sentido e se sustenta de uma posição subjetiva, não sem um resto que verifica que a construção decorre da fratura entre o real e a verdade.

No texto freudiano, a construção se aproxima do conceito de interpretação. Lacan irá propor uma distinção como saber e verdade. Estamos no campo da significação, da pontuação. Mas há o mais além, ou o avesso da interpretação como correlata ao inconsciente; é a interpretação-corte, como modo de cernir (S1) e não de (de)cifrar.¹⁰ Anunciado por Luiz Fernando Carrijo, na aula expositiva, a interpretação é o fio que nos leva ao próximo semestre. Como diz Angelina Harari: veremos como cada um poderá contribuir com o seu grão de sal.

Paula Maia Peixoto Camargo

3 Idem, p. 376.

4 Idem, p. 379

5 Miller, J.-A. Clínica Irônica In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996, p. 190.

6 Idem, p. 194

7 Miller, J. Marginália de “Construções em Análise”. Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 17, p. 92-107, nov. 1996, p. 95.

8 Esqué, X. et al. “La presentación de casos, hoy”. In *NODVS*, n° XII, fev-2005. [tradução livre]

9 Guimarães, L. Como formalizar um caso clínico. In: *aSephallus- Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*. v.3. n.6. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2008.

10 Miller, “La interpretación al revés”, en *Entonces Shhh!*, Eolia, Buenos Aires, 1996.

Ressonâncias do Cineclube Lacan

Escolhas

Foi com grande entusiasmo que recebi da coordenação o convite para escrever sobre minha experiência como participante das sessões-debate do Cineclube Lacan. Primeiramente, quero destacar o grande sucesso desta atividade, que nasceu com o desejo de colocar “cinema e psicanálise em diálogo como meio para um debate de temas atuais”¹ e “dar um passo em direção a um público mais geral”². A venda de ingressos esgota rapidamente, as salas cheias, e os debates acalorados ao final de cada sessão, evidenciam o êxito dessa atividade!

Dos filmes apresentados, *Vidas passadas* (2003, Celine Song) e *Fale com ela* (2002, Pedro Almodóvar) foram os que mais ressoaram em mim, trazendo questões que me puseram a trabalho, como uma tentativa de bordejar, traçar algum limite que permita uma visão menos enevoada.

Desde o princípio, algo me saltou aos olhos, revelando um significante: *As escolhas* de Nora Moon e Lydia. A pergunta que se impôs, então, foi: o que, de tão singular em cada uma dessas mulheres fez com que tais escolhas fossem feitas?

Nae Young emigra para o Canadá ainda pequena, passando a se chamar Nora Moon. Deixa na Coreia seu amor de infância, Hae Sung, com quem só vem a conversar novamente após 12 anos, ela já em outra cidade, Nova York, e ele ainda na Coreia, mas com planos de ir para a China. Passam a conversar regularmente, e algo da pequena Nae Young coreana parece querer retornar, mas, na impossibilidade de se encontrarem pessoalmente, por conta dos planos individuais de cada um, ela diz: “Quero que paremos de nos falar. Eu quero muito conquistar coisas aqui. Quero me comprometer com a minha vida aqui”.

Mais 12 anos se passam e eles finalmente se encontram, ela casada, ele ainda solteiro. Apesar do laço que indiscutivelmente os une, e de Hae Sung parecer inclinado a ceder ao



imagem: pixabay.com/pt/

1 PERCHE, R; MARCHESAN, EC. Boletim bimestral do Centro Lacaniano de investigação da ansiedade ano 1 nº 7 – Conect-a.

2 Idem.

amor, ela segue em sua posição, não sem sofrimento, como na última cena, em que ela finalmente cai no choro (não chorava há muito tempo), após a partida de Hae Sung.

As cenas em que os dois amigos passeiam por Nova York revelam uma cidade muito grande em relação a eles, como que dizendo que a escolha de Nora está além dos dois, está em algo muito maior. O que seria isso para Nora?

As escolhas de Lydia, por sua vez, são mais radicais. Ela é toureira. Sim, uma mulher cuja profissão envolve força e habilidades associadas ao masculino. Ela está entre o amor de dois homens muito diferentes; o também toureiro e ex-namorado, Niño de Valencia, e Marco, um homem capaz de chorar assistindo a uma peça teatral e uma apresentação musical. Lidya incapaz de decidir-se entre os dois e, numa escolha fatal, entrega-se ao touro, sofrendo um acidente que acaba por tirar sua vida. Ato?

Penso em uma cena anterior onde Lidya aparece graciosa, elegante e com muita virilidade enfrentando um touro ao som da música *Por toda minha vida*³, interpretada por Elis Regina, de onde destaco o trecho:

*“eu te amo e te proclamo o meu amor
O meu amor
Maior que tudo quanto existe
Ah, meu amor”*

Assim como Nova York para Nora, esse amor me dá a impressão de algo para além do homem amado, algo que transcende a própria Lidya, inexplicável, inalcançável. Não com o sentido de *eu faço de você o meu grande amor ou você é meu grande amor*, mas sim, *eu te dou esse meu enorme amor*, esse que nem eu mesma sei, esse que me ultrapassa. Eram dois homens, e o amor não era de nenhum deles, era dela.

Termino com uma citação de Lacan no Seminário 20, que ressoa sobre minhas impressões da personagem: *“Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isso ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a todas elas”*.⁴

Regina Correa

3 JOBIM, AC; MORAES, V. Álbum Elis & Tom (1974).

4 LACAN, J. O Seminário, Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Encontros de Psicanálise e Literatura

Ressonâncias na cidade de Ribeirão Preto

Recolher os efeitos de uma atividade do Clin-a que consiste numa conversa a partir da leitura de um livro, apostando que a literatura pode ensinar algo à psicanálise e colocando em circulação a psicanálise na cidade, só é possível *a posteriori* e a partir dos relatos que testemunham o que marcou a cada um nessa experiência.

Encontro que não acontece em qualquer lugar da cidade, mas na Biblioteca Sinhá Junqueira, situada no coração de Ribeirão Preto, um monumento arquitetônico que faz parte de sua história, que conserva um legado artístico e cultural e que foi reinaugurado em 2020 após restauração. Em 2024, torna-se a terceira biblioteca mais visitada do país¹. Uma parceria pulsante.

Partindo da lógica do *a posteriori*, a comissão organizadora da atividade, juntamente com a analista convidada, Silvia Sato, decidiu escrever sobre a conversa que aconteceu acerca do livro “Nos domínios do cerrado”² com a presença do autor, Daniel Franco, e da artista plástica responsável pela ilustração da capa, Ana Letícia Almeida.

Pudemos escutar na forma como o autor se vê implicado nas imbricaduras de seu trabalho com a escrita os ecos da sustentação de seu desejo. Ele compartilha que houve um momento em que, tomado pelo efeito que um texto seu havia causado nos colegas de escola, percebeu que não poderia mais não escrever, impondo-se um “terei que fazer isso pro resto da vida” como sua resposta ao chamado do desejo.



Karl Wiener, Aus meinem Leben

1 CANAVEZE, Ricardo. Biblioteca Sinhá Junqueira em Ribeirão registra recorde de visitas em 2024. ACidade On, 22 dez. 2024. Disponível em: [https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/lazer-e-cultura/biblioteca-sinha-junqueira-em-ribeirao-registra-recorde-de-visitas-em-2024/]. Acesso em: 25 jul. 2025.

2 FRANCOY, Daniel. Nos domínios do cerrado, São Paulo: Edições Jabuticaba, 2024.



Essa pujança desejante se faz presente também para o leitor, para quem adentrar *Nos domínios do cerrado*, um livro que coleciona fragmentos que não se fecham, que mutila histórias interrompidas, que brinca com a temporalidade discursiva, com a conjugação verbal, com a crença na completude e na linearidade narrativas, se torna uma experiência do “quase” – um “quase” que ele atribui aos personagens: diz que cada um tem um momento na sua história em que vislumbra uma saída para a aridez das relações humanas na sua rudimentar sequidão da circularidade estéril da vida e dos laços sociais. Uma saída não-toda bem-sucedida, nunca integralmente completada, nunca pacífica na sua beatitude, mas que só pode operar como recortes/rasgos de invenções possíveis que não chegam nunca à transcendência arrematada.

Participar do evento foi da mesma natureza – experiências de quase-salvação pela poética sublimatória que nos constrange permanentemente fragmentários. É o tipo de experiência que, se não tem a pretensão da libertação redentora de todo Mal, tem o mérito de nos lembrar que também não estamos condenados.

Ainda sobre a estrutura de fragmentos, o autor falou em um “circunscrever a coisa para apontar a sombra da coisa”, indicando uma poética que, através da noção de objeto, coloca lado a lado literatura e psicanálise.

Daniel também comentou sobre um fio condutor na sua escrita para este livro, que tinha a ver com “*o vislumbre de algo que se pôs como suspeita*”, palavras que nos lembram a própria divisão subjetiva, quando, numa análise, o pretendente a analisando encontra algo que remete a uma repetição em sua vida. Não qualquer coisa, mas algo que perturba o seu sono, que o atormenta e que faz sintoma ao passar de uma suspeita ao endereçamento ao analista, incluindo-o na parceria sinthomática. Para isso, é preciso que o analista leia o sintoma. Neste ponto, verificou-se que algo da psicanálise também se pode transmitir na circulação pela cidade.

Percebeu-se um efeito de surpresa no autor quando, nas interações com os participantes, alguém dizia o que o havia marcado e o porquê. Daniel alertava para o que há de não calculado no domínio da escrita, apontando para a interpretação do leitor como tendo um efeito inédito inclusive para ele, algo digno do que é lido para além do que se escreve. Haveria nesse imprevisto algum indício de se tocar no *esp de um laps* com o que ele denota de relance surpresivo?

Pudemos verificar que a palavra circulou sem uma concentração de saber, sem que o lugar de mestre fosse ocupado. Justamente como um saber que escorrega, foi proporcionada a possibilidade de aparecimento de pontos do livro que fizeram uma leitura da atualidade, daquilo que muitas vezes a psicanálise não consegue dizer sobre o real da época, produzindo um saber sem valor de ensino no ato do encontro.

Para além dessas elaborações que apontam para a verificação de que a aposta feita teve efeitos – a literatura ensina à psicanálise e trata-se de um saber circulante por agregar em seu cerne o desejo de cada um –, um comentário muito frequente que a comissão recebeu dos participantes foi: “A psicanálise está viva!”. Viva, pulsante e aberta para o intercâmbio.

Coordenação: Vagner Arakawa

Comissão: Emmanuel Mello, Flaviana Pires Oliveira e Luiza Gerace

Analista convidada: Silvia Sato

∴ RADAR

“Eu não fiz nada de errado...eu não fiz nada de errado...eu não fiz nada de errado!”

Uma nota sobre a série “Adolescência”

Nossa visada aqui diz respeito ao que o tema da adolescência pode nos ensinar, a nós psicanalistas, sobre o mal-estar contemporâneo e suas implicações na clínica psicanalítica. Esta série, lançada pelo canal *streaming* “Netflix” em março deste ano, foi objeto de várias críticas entendidas como o “retrato da realidade” e com um enorme sucesso de público. “Adolescência” é uma série inglesa criada por Jack Thorne e Stephen Graham, desenvolvida em quatro episódios, onde um adolescente de 13 anos, filho de um casal de classe média inglesa, é acusado de cometer um assassinato cuja vítima é também uma adolescente. Não resta dúvidas ao espectador quanto à autoria do assassinato, pois a série é aberta com a reprodução do vídeo que capturou a cena do crime. Entretanto, a narrativa se desenvolve produzindo um efeito curioso: o espectador passa a duvidar da autoria do crime, na medida em que o adolescente acusado repete, incessantemente, a frase: “...eu não fiz nada de errado”, embora as evidências sejam postas a cada instante. Na verdade, esse efeito gerado no espectador, não é mais do que a manifestação da negação da inexistência de um véu cuja presença manteria a crença de que o ato cruel pudesse ser atribuído a um outro desconhecido.

No entanto, tal efeito nos remete, precisamente, à crueza do real em jogo como efeito da queda dos semblantes do Outro. A trama se desenrola não sobre a dúvida da autoria do crime, mas sobre o protagonismo do personagem que vive uma espécie de catástrofe subjetiva em que não reconhece seu ato como um ato criminoso. A denegação “não fiz nada de errado”, embora produza seu efeito de verdade, não retorna para o sujeito. Pelo contrário, ele se apresenta como um “objeto” subtraído da cena do Outro – aliás, a passagem ao ato terá a função, *a posteriori*, de incluí-lo como dejetivo, mas sem que isso produza, num primeiro tempo, qualquer efeito de assunção do sujeito.

Sua família, pai, mãe e uma irmã também adolescente, vive o drama de um modo, digamos, clássico: o pai, sobretudo, se pergunta sobre o que ele teria feito de errado para que tal destino



imagem: pixabay.com/pt/

fosse reservado ao filho... O pai, um homem honesto, trabalhador e dedicado à família, não deixaria de se resignar a esse sentimento de culpa moral, no entanto, a história deixa claro que a questão se coloca desde outro lugar e nem um pouco relacionada a questões de estrutura familiar ou qualquer coisa do gênero.

O que teria motivado o ato? Essa pergunta move as ações do chefe de polícia que, até o último episódio, permanece sem resposta – voltaremos a ele.

Recolhido sob custódia, o garoto se depara com uma personagem que, a nosso ver, desempenha um papel fundamental quanto à possibilidade do surgimento de um sujeito na cena: - ele é submetido a uma entrevista com uma psicóloga, cujas perguntas lhe acendem a fúria. Não cedendo à agressividade, ela o acalma e prossegue com seu questionário em que nos chama a atenção a seguinte pergunta: “- O que você sabe sobre o que é ser um homem ou ser uma mulher?” - diante da qual ele fica sem resposta. Eis aí a chave para acompanhar o desenrolar da trama sem se deixar levar pelo moralismo ou por questões meramente vinculadas a qualquer diagnóstico clínico. Nosso interesse sobre este ponto nos remeteu ao “Prefácio a *O despertar da primavera*”, onde uma estrutura semelhante é colocada em cena pela peça de Wedekind e explorada por Lacan: “O despertar da primavera” é o encontro, na adolescência, com a sexualidade, onde a pergunta sobre a identidade sexual é colocada em marcha e cujas respostas poderão modular o gozo. O encontro com o Outro sexo é sempre traumático e caberá ao sujeito “inventar” um modo de existência em que o insuportável da não relação sexual possa ser contornado, mas não sem o Outro. Ora, se os semblantes do Outro sofreram um declínio, se o “Pai evaporou”, então o acontecimento traumático do encontro com o Outro sexo pode ficar sem mediação e, a nosso ver, esta série ilustra isso de um modo bastante contundente. O personagem é descrito como alguém que não encontrou um operador para sua sexuação, embora seu pai tentasse facilitá-lo, mas sem sucesso. Sofria *bullies* constantes na escola e nas redes sociais. A garota assassinada teve uma foto sua exposta nas redes (nude) sendo alvo de comentários de toda sorte. Mas, para além das desventuras que produziam o sofrimento de cada um dos personagens, há a declaração do filho do policial, que, diante da angústia de não saber a motivação do crime, revela: - “Você não entende nada, não é, pai?”. E prossegue - “O que se passa na *manosfera*²: oitenta por cento das mulheres desejam vinte por cento dos homens...”. O lema desse grupo identitário é o anti-feminismo, e muitos adolescentes aderem a ele como um modo de se verem como “homens”... A fonte dos *bullies* sofrido pelo personagem tem esse grupo identitário como pano

1 Lacan, J. (2003[1974]). Prefácio a *O despertar da primavera*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, p. 557.

2 *Manosfera*: espécie de comunidade na internet onde o que está tematizado é a masculinidade frente ao feminismo – que podem cultivar o discurso de ódio contra as mulheres.

de fundo. Ele é visto pelos outros garotos como “assexuado” e, de fato, jamais tivera qualquer acesso ao corpo feminino. Essa cena do filho do policial esclarece a relação do personagem com sua identidade sexual, de onde se vê excluído.

Ao assumir a autoria do crime e consequentemente se responsabilizar por ele, paradoxalmente, preso, ele poderá se incluir na cena do Outro e talvez retificar sua posição diante do Outro sexo.

Luiz Fernando Carrijo da Cunha
AME da EBP/AMP
Associado do Clin-a

.: AGENDA

CURSOS

CURSO: PERCURSO DE UMA ANÁLISE

Horário: Terças-feiras das 20h30 às 22h30

1: DO AMOR AO SABER AO DESEJO DE SABER

05/08, 19/08, 02/09 e 16/09

2: O CIRCUITO PULSIONAL

12/08, 26/08, 09/09 e 23/09

CURSO: ELUCIDAÇÃO DA CLÍNICA

Horário: Quintas-feiras das 20h30 às 22h30

1: O QUE É GOZO PARA A PSICANÁLISE?

07/08, 21/08, 11/09 e 25/09

2: O CORPO NA DIMENSÃO DO IMAGINÁRIO

14/08, 28/08, 18/09 e 02/10

CURSO: PRÁTICA LACANIANA

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 10h às 12h30

01/08, 15/08, 29/08 e 26/09

CURSO: “O CORPO É IMAGINÁRIO”. “O IMAGINÁRIO É O CORPO”: QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CLÍNICA HOJE?

Horário: Quinzenal, sextas-feiras, das 18h às 19h30

08/08, 22/08, 12/09 e 19/09

CURSO: ENSINO DE LACAN

Horário: Mensal, aos sábados das 9h às 12h30

16/08 e 13/09

CURSOS RETORNO A FREUD:

POR QUE O ANALISTA SE INTERESSA PELO PERÍODO DA INFÂNCIA?

Horário: Quinzenal, sextas-feiras, das 17h30 às 19h

01/08, 15/08 e 12/09

DA IMPOTÊNCIA À TRANSFERÊNCIA

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 18h30 às 20h

14/08, 28/08, 11/09 e 25/09

O SUPREU

Horário: Quinzenal, segundas-feiras, das 19h30 às 21h

04/08, 18/08, 01/09, 15/09 e 29/09

INTRODUÇÃO AO NARCISISMO E PULSÕES E SUAS VICISSITUDES

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 15h às 16h30

15/08, 29/08, 12/09 e 26/09

UMA LEITURA DO CASO DA JOVEM HOMOSSEXUAL

Horário: Mensal, segundas-feiras das 20h às 21h30

18/08 e 15/09

NÚCLEOS DE PESQUISA

NÚCLEO: APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 14h às 15h30

01/08, 15/08, 29/08 e 26/09

NÚCLEO: PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES- CIRANDA CAMPINAS- NR CEREDA

Horário: Quinzenal, quartas-feiras das 8h às 9h30

13/08, 27/08, 10/09 e 24/09

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – CIRANDA SÃO PAULO

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 11h30 às 13h

07 e 21/08, 11 e 25/09, 09 e 23/10 e 06 e 27/11

NÚCLEO: PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

Horário: Quinzenal, quartas-feiras das 18h às 19h30

06/08, 20/08, 03/09 e 17/09

NÚCLEO: PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 12h às 13h30

07/08, 21/08, 11/09 e 25/09

NÚCLEO: PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

Horário: Quinzenal, segundas-feiras às 20h

04/08, 18/08, 01/09, 15/09 e 29/09

ENCONTROS DE PSICANÁLISE E LITERATURA

Frequência: dois encontros por semestre

Datas e horários: a confirmar

CINECLUBE LACAN

Datas previstas: 15/08 e 12/09

SEMINÁRIO CLÍNICO

Horário: sextas-feiras das 11h às 13h

08/08, 22/08, 05/09 e 19/09

Expediente:

Editor - Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros (coordenação) - Equipe: Emelice Prado Bagnola, Fábio Saad,
Luiza Gerace e Paula Maia

Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a